

ÍNDIOS, QUILOMBOLAS, ÁRABES E NORDESTINOS E O SABOR AMARGO DO CACAU

Eduardo Alfredo Morais Guimarães

Professor assistente da Universidade do Estado da Bahia

Doutorando em Estudos Étnicos e Africanos

Universidade Federal da Bahia

Bolsista FAPESB



Sistema agroflorestal município de Ubaitaba. Foto do autor

As ideias aqui desenvolvidas são fruto das primeiras reflexões sobre a Comunidade Quilombola de Empata Viagem, localizada no Município de Marau, Região Sul da Bahia. Como outras comunidades localizadas na região³¹, Empata Viagem alcançou notoriedade em decorrência da qualidade da farinha de mandioca produzida artesanalmente e, sobretudo, do domínio das técnicas de plantio do cacau sob a floresta raleada.



54

Ninho de pássaro sangue de boi - cabruca Ubaitaba. Foto do autor

O Cacau Cabruca e os pioneiros

Não obstante a Revolução Agrícola, alicerçada no modelo agrícola monocultural, desencadeada pela CEPLAC,³² entre o início dos anos 1960 e final

³¹ Existem em Marau mais 5 Comunidades Quilombolas reconhecidas pela Fundação Palmares.

³² Comissão Executiva de Planejamento da Lavoura Cacaueira. Órgão federal de pesquisa e assistência técnica vinculado ao Ministério da Agricultura, criado em 1957.

dos anos 1980, que resultou na elevação da produção nacional de cacau em 310% e o aumento da produtividade de 220 kg/ha, em 1962, para 740 kg/ha³³, cerca de 70% das roças cacau da Bahia ainda são sistemas agroflorestais – *Cacau Cabruca*³⁴ – (Araujo et. al., 1998). O cenário de devastação instaurado pela Revolução Verde³⁵ (Setenta & Lobão, 2012) não conseguiu, portanto, obscurecer as potencialidades dos sistemas ancestrais de cultivo, fato que coloca em relevo as dificuldades da agricultura que se intitula moderna que parece não alcançar bem seus objetivos no ambiente de floresta tropical. Aplicam-se aqui reflexões de Boaventura Souza Santos: as cabruças, fruto de “conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses ou indígenas”, resistem em meio a uma disputa “entre as formas de verdade científicas e não-científicas” (2007: 72).

Não obstante a importância das “Cabruca para a sustentabilidade da agricultura, as origens do sistema estão enredadas em um “*Mito Histórico*” que obscurece desigualdades raciais e justifica uma concentração fundiária e de renda (Mahony, 2007: 738), a partir da exclusão de indígenas e escravizados e seus descendentes da “saga do cacau” (Adonias Filho, 1976: 173; Falcón, 1995: 26). Desafiando os alicerces do mito, a hipótese da qual se pretende partir é a de que o sistema está alicerçado em conhecimentos ancestrais de indígenas e africanos, condenados à inexistência diante de uma suposta superioridade posicional da ciência agrônoma moderna.

O *Cacau Cabruca* é referência praticamente obrigatória nos estudos realizados no âmbito da ciência agrônoma na região. Pesquisadores do IESB - Instituto de Estudos Socioambientais da Bahia,³⁶ atribuem o seu surgimento aos “grapiúnas (...) que a revelia das recomendações técnicas (...) (plantaram) o cacau à sombra das espécies nativas” (Araújo et al., 1998: 36). Com efeito, a referência explícita aos “grapiúnas”, de certa forma, exclui indígenas e africanos escravizados e seus descendentes da “saga do cacau” e isso não é um mero

33 Dados disponíveis no Site da CEPLAC <http://www.CEPLAC.gov.br/restrito/lerNoticia.asp?id=1719>. Acesso em 02.02.2014;

34 Cacau plantado sob a sombra da floresta raleada

35 Modelo agrícola direcionado ao aumento da produção agrícola alicerçado em melhorias genéticas em sementes, uso intensivo de insumos industriais, mecanização e monocultivos.

36 Organização não-governamental criada em 1994, com sede no município de Ilhéus.

detalhe que possa ser negligenciado, pois tal noção está no âmago do Mito Histórico: grapiúnas são as pessoas que migraram do Nordeste para o Sul da Bahia no início do século XX e colonizaram o interior da Zona Cacaueira (Mahony, 2007; Costa, 2012).



Cacau na cabruca. Foto do autor

Os engenheiros agrônomos Wallace Setenta³⁷ e Dan Erico Lobão³⁸ expõem de forma ainda mais clara os elos que ligam o Cacau Cabruca ao “Mito” ao atribuir aos “pioneiros da cacaucultura” o plantio do cacau em cabruças abertas na Mata Atlântica, “*transformada em espaço vivido e habitável*” pela *Civilização do Cacau*; um sistema de cultivo **sui generis**, predecessor dos sistemas agroflorestais (Setenta & Lobão, 2012: 39). Nos argumentos, os

³⁷ Presidente do CNPC – Conselho Nacional dos Produtores de Cacau e Presidente do Sindicato Rural de Itabuna.

³⁸ Pesquisador da CEPLAC e professo da UESC.

pesquisadores desconsideram a presença indígena no território ao situar o **cacau** no centro do “processo civilizatório”: responsável pela transformação da Floresta em espaço vivido e habitável. Para Setenta e Lobão quando da chegada dos colonizadores portugueses a Mata Atlântica seria uma espécie de *terra nullius*, um território nominalmente inabitado (Balée, 2008) – com “florestas virgens”.



Lurdes Rocha, em sua Tese de Doutorado, redimensiona a narrativa acrescentando os agenciamentos de sergipanos que cultivaram o cacau com “persistência, denodo, trabalho árduo, muito suor derramado irrigando o chão” (2006). De acordo com Rocha a grande seca da década de 1890 e a Guerra de Canudos (1896-1897) foram os dois fatores que influenciaram a migração em massa dos sergipanos para a região cacaueira. É importante lembrar que no final do século XIX o cacau já se constituía no principal produto da pauta de exportações da Bahia e que segundo Rosário et. al. (1978: 20), “as plantações feitas naquela época correspondem a grande parte das existentes hoje no Sul da Bahia”.

Com efeito, não há como negligenciar os agenciamentos de indígenas, escravizados e seus descendentes na criação e desenvolvimento das cabruças e deixar de perceber que, mesmo atualmente, com os avanços tecnológicos possibilitados pela ciência agrônômica moderna, não é fácil prescindir de conhecimentos ancestrais indígenas e africanos no manejo das roças de cacau. É importante ter em mente que as populações indígenas são portadoras de um histórico de coexistência com a floresta tropical (Munari, 2009: 9), que pequenos agricultores africanos no período pré-colonial manejavam sistemas agroflorestais em África “que para ‘não entendidos’ pouco se distinguem das florestas originais” (Temudo, 2009: 246) e que de acordo com dados etnoecológicos, é possível afirmar que em África a própria formação de florestas está relacionada à atividade humana - cultivo, plantação e transplante deliberado de árvores, pelas populações locais - que culminou, inclusive, com a formação de florestas onde antes não havia florestas (Balée, 2008: 15).

Bibliografia

ADONIAS FILHO. 1976. *Sul da Bahia: chão de cacau*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BALÉE, W. 2008. “Sobre a Indigeneidade das Paisagens”. *Revista de Arqueologia*, 21(2): 09-23. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ra/article/viewFile/3003/2524>.

FALCON, Gustavo. 1995. *Os coronéis do cacau*. Salvador: Iananá/ UFBA.

LOBÃO, D. E.; SETENTA, W. C.; VALLE, R. R. 2004. “Sistema agrossilvicultural cacauero: modelo de agricultura sustentável”. *Revista da Sociedade de Agrossilvicultura*, 1(2): 163-173.

LOBÃO, Dan Érico. 2007. *Agroecossistema Cacauero Da Bahia: Cacau Cabruca e Fragmentos Florestais na Conservação de Espécies Arbóreas*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista.

MAHONY, Mary Ann. 2007. “Um passado para justificar o presente: memória coletiva, representação histórica e dominação política na região cacauera da Bahia”. *Cadernos de Ciências Humanas – Especiaria*, 10(18): 737-793.

MUNARI, Lucia Chamlian. 2010. *Memória Social e Ecologia Histórica: a Agricultura de Coivara das populações quilombolas do Vale do Ribeira e sua relação com a formação da Mata Atlântica*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.

ROCHA, Lurdes Bertol. 2006. *A região cacauera da Bahia: uma abordagem fenomenológica*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Sergipe.

ROSÁRIO et. al. 1978. *Cacau História e Evolução no Brasil e no Mundo*. Ilhéus: CEPLAC.

SANTOS, Marcio Ceo dos. 2010. *A Crise da Região Cacauera e os Desafios Para o Desenvolvimento Local*. Dissertação de mestrado. Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

SETENTA, Wallace & LOBÃO, Dan Érico. 2012. *Conservação Produtiva: cacau por mais 250 anos*. Itabuna.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. 2007. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. São Paulo. *Novos Estud. – CEBRAP*. 79.

TEMUDO, Marina Padrão. 2009. “A narrativa da degradação ambiental no Sul da Guiné-Bissau: uma desconstrução etnográfica”. *Etnográfica*, Lisboa, 13(2): 237-364.

EDUARDO ALFREDO MORAIS GUIMARÃES

Eduardo Alfredo Moraes Guimarães

Professor assistente da Universidade do Estado da Bahia

Doutorando em Estudos Étnicos e Africanos

Universidade Federal da Bahia

Bolsista FAPESB

Currículo Lattes